

PRÓLOGO

O meu pai, engenheiro de minas, tinha o costume, quando se lhe colocava uma questão, de reagir pela interrogativa: «De que é que se trata?» Quando nos aventurávamos a responder a essa questão, tínhamos de lhe apresentar mais do que um aspecto da situação: era necessário encará-la na sua globalidade. Ele considerava importante, antes da acção, construir uma representação¹ de conjunto daquilo que estava em jogo. Uma tal representação – isto é, um relatório global sobre a situação – permite reflectir e discutir racionalmente antes de agir. Esta abordagem diferencia reflexão e acção. Responder à questão: «De que se trata?» é uma coisa; fazer um juízo de valor ou passar à acção é outra. O objectivo dos processos intelectuais é construir representações das situações em que nos vemos inseridos – sejam essas situações práticas, como na escolha de uma terapêutica, sejam elas culturais, como na reflexão sobre a origem do universo. E para tal, impõe-se, frequentemente, o recurso à interdisciplinaridade.

Há cerca de meio século, o termo «interdisciplinaridade» não constava do dicionário. No entanto, os agricultores sabiam já que, para compreender o

1 Fala-se de «representar», quando alguma coisa (a representação) pode tomar o lugar, em certas circunstâncias, da realidade concreta. Assim, um mapa é uma representação do território, uma vez que, quando bem feito, nos permite discutir sobre o território (por exemplo, debater sobre um itinerário), sem ter de pôr aí os pés. O mapa não é o terreno, nem a sua réplica, nem o seu espelho, nem a sua representação no sentido dos positivistas. Mas ele representa-o na medida em que, em certas circunstâncias, toma o seu lugar (tal como um deputado é suposto representar o povo). Não é uma imagem ou uma cópia do terreno; é o seu «lugar-tenente». O mesmo se passa com outras representações como a equação de um movimento, um relatório sobre uma situação, uma descrição ou mesmo uma imagem mental.

*funcionamento de uma exploração, são necessários elementos provenientes da biologia, da química, da economia, da ética, até da filosofia, etc., aos quais se acrescentam saberes de utilizador, que não se inscrevem em nenhuma categoria disciplinar*².

Sem dúvida, fazia-se da interdisciplinaridade, sem o saber, o que M. Jourdain fazia da prosa! Os resultados das disciplinas científicas fecundavam as práticas dos agricultores. E estas últimas – cf. Mendel – estimulavam as pesquisas científicas.

A especialização crescente das práticas científicas contribuiu para aumentar a distância entre as disciplinas e os conhecimentos globais necessários para apreender cada situação. Face à fragmentação dos saberes, surge o termo «interdisciplinar» no final dos anos cinquenta. E, pouco depois, impõem-se os termos «disciplinar», «transdisciplinar», «global», «pluridisciplinar», «multidisciplinar». Como o seu significado ainda não está claramente normalizado, irei, neste prólogo, esboçar algumas suas definições, que me parecem corresponder ao uso mais corrente.

As «disciplinas científicas» são maneiras de analisar o mundo e de construir representações suas; estão ligadas a abordagens que, historicamente, se mostraram fecundas e que foram, por essa razão, estabilizadas e normalizadas. Cada disciplina – da física à economia, passando pela psicologia, pela mineralogia e por muitas outras – está ligada a uma comunidade científica, que zela pela sua manutenção e evolução. Para o sociólogo, as disciplinas são, pois, instituições sociais. Elas fornecem resultados estáveis, experimentados e, logo, fiáveis, normalizados, mas dependendo do ponto de vista adoptado (o seu paradigma, dirão os epistemólogos). Elas constituem, assim, ferramentas incontornáveis e uma parte importante do património da nossa civilização. Bem tolos seriam aqueles que defenderiam o abandono do ensino destas abordagens «disciplinares». O seu único inconveniente é que as representações e interpretações que nos propõem permanecem sempre demasiado parciais (ou mesmo demasiado sectárias) para convirem ao contexto concreto. Assim, a resposta de uma única disciplina é, geralmente, demasiado curta para resolver um problema concreto, sempre suposto, inicialmente, na sua globalidade. O mesmo se aplica a todas as ciências, naturais ou humanas, «duras» ou «flexíveis». As disciplinas científicas fornecem-nos representações normalizadas das situações, mas estas não são feitas «à medida». Assim, a representação de uma pastagem, tal como a considera um químico, não corresponde à pastagem tal como ela é concretamente na sua globalidade e unicidade. Os critérios de validade das representações químicas provêm da comunidade dos químicos e dos projectos subjacentes a essa disciplina; eles não serão necessariamente

2 Estes «utilizadores» são, no sentido etimológico do termo, especialistas, isto é, pessoas que frequentam de longa data este tipo de situações.

os mesmos que para os agricultores, que, para além da química, consideram igualmente a pastagem de um ponto de vista económico, familiar, etc. No sentido lato, o termo «interdisciplinar» é utilizado sempre que, para afinar a representação a construir, se fazem interferir várias disciplinas. Mas, a partir do momento em que se queira afinar a descrição dos processos utilizados, uma aceção tão lata do termo permanece demasiado fluida.

Designa-se como «abordagem global» de uma situação a pesquisa de uma representação que se constrói a partir dela, considerando-a no que ela tem de único. A dita representação deverá ser adaptada ao contexto particular, aos projectos das pessoas que constroem essa representação e aos destinatários desta última. Ela não pode limitar-se a um ponto de vista utilitário. É face à situação global que é preciso responder à questão: «De que se trata?». Para responder, por exemplo, à questão do valor de uma pastagem no quadro de uma reunificação de terreno parcelado é necessária uma abordagem global. Avaliar-se-á o interesse da representação assim produzida, em função do contexto considerado em todos os seus aspectos. A noção de representação vai precisar-se, indicando como as ciências podem participar numa tal abordagem.

Fala-se de um processo «interdisciplinar», em sentido estrito, quando uma abordagem global utiliza saberes e métodos provenientes das disciplinas científicas, o que lhe confere maior solidez do que uma abordagem global que não utilizasse senão saberes de bom senso. Assim, pode-se definir a interdisciplinaridade em sentido estrito como a utilização das disciplinas para a construção de uma representação de uma situação, sendo essa representação estruturada e organizada em função dos projectos que se tem (ou dos problemas a resolver), no seu contexto preciso e para destinatários específicos. Para poder ser qualificada de «interdisciplinar», esta abordagem deve recorrer a diversas disciplinas e isso com vista a obter um resultado original, organizado menos em função das disciplinas utilizadas do que dos projectos que se possui³. A interdisciplinaridade não visa, pois, de todo, suplantando as disciplinas; o seu objectivo é, pelo contrário, a utilização destas últimas em situações concretas, como a «preparação de uma reunificação de terreno desmembrado» e, logo, para lá dos contextos privilegiados que são os laboratórios, esses lugares cuidadosamente protegidos da complexidade do real!

3 Designou-se uma tal representação como uma «ilha interdisciplinar de racionalidade», porque ela visa permitir uma discussão racional em torno da situação envolvida. Encontrar-se-á uma clarificação daquilo que é apresentado neste prólogo em Fourrez G., Englebort-Lecomte V., Grootaers D. (et al.), *Nos savoirs sur nos savoirs: un lexique d'épistémologie pour l'enseignement*, Bruxelas, De Boeck Université, 1997, p. 169 e em Fourrez G., *La construction des sciences. Les logiques des inventions scientifiques. Introduction à la philosophie et à l'éthique des sciences*, 3.^a ed., Bruxelas, De Boeck Université, 1996, p. 288 (Sciences, éthiques et sociétés).

Nesta perspectiva, a diferença fundamental entre uma abordagem disciplinar e uma abordagem interdisciplinar é que a primeira produz saberes organizados em torno das tradições de uma disciplina científica, enquanto a segunda produz conhecimentos estruturados em função de uma situação precisa.

Muitos qualificam de «pluridisciplinaridade» uma forma mais frouxa de interdisciplinaridade. Convidam-se, aí, diversas disciplinas a expor o seu ponto de vista sobre um problema preciso e integrador (por exemplo, a crise das «vacas loucas»), deixando a cada auditor o cuidado de construir a sua síntese pessoal. Fala-se, igualmente, de «multidisciplinaridade», quando se reúnem diversas intervenções em torno de um tema (por exemplo, o da produção de vinho ou o da morte), sem que haja um ponto de vista integrador ou federador. Convém ainda, para concluir, mencionar os «contactos», «painéis», «cooperações» e outros métodos interdisciplinares, que constituem outras tantas práticas que visam descompartimentar a construção dos saberes.

A interdisciplinaridade deve ser distinguida da «transdisciplinaridade». A primeira visa construir um saber, enquanto o segundo termo designa, geralmente, a transferência para uma disciplina de um conceito, modelo ou método proveniente de uma outra. Por exemplo, a transferência das noções de «sistema» ou de «força» da física para as ciências humanas, procedem, tipicamente, da transdisciplinaridade. Bem como a transferência da noção de «programa», do teatro para a biologia. Ao que se podem acrescentar as transferências no interior de uma mesma disciplina, como foi o caso em física, onde se transferiram os modelos hidráulicos para a electricidade. Os científicos mais criativos têm, aliás, o hábito de se confrontar com outras disciplinas para aí «pescar» ideias ou modelos. Ser capaz de fazer transferências é uma competência extremamente fecunda. Mas trata-se, aqui, de uma abordagem bastante diferente daquela atrás referida como «interdisciplinaridade» (ainda que o termo «interdisciplinaridade», tomado no sentido lato, possa englobar todas estas práticas).

Construir, com uma perspectiva particular, uma definição de diversas práticas interdisciplinares ou transdisciplinares é uma coisa. Exercê-las com método e rigor, é outra. Imagina-se, demasiadas vezes, que basta reunir alguns especialistas de diferentes disciplinas para que, por um efeito mágico, o trabalho interdisciplinar se realize. Na verdade, o uso metódico das disciplinas para esclarecer uma situação determinada – isto é, a interdisciplinaridade – exige uma aprendizagem. Também a transdisciplinaridade se pode aprender e a sua prática pode ser ensinada. O que constitui a originalidade deste livro é que ele clarifica as implicações epistemológicas destes processos e propõe métodos específicos tendo em conta tais aprendizagens. Por outras palavras, mostra como ensinar aos estudantes («discípulos», segundo a epistemologia) a prática da interdisciplinaridade e da transdisciplinaridade: deste modo, «disciplinariza-os»!

Esta obra resulta da colaboração de três autores de formação e experiências de terreno diversas. Elaborado no quadro do Centre Interfaces em ligação com o Département Sciences, Philosophies, Sociétés des Facultés Universitaires Notre-Dame de la Paix (Namur), ele foi construído em equipa no decorrer de seminários epistemológicos e de práticas pedagógicas. Alain Maingain é o seu instigador e o realizador principal.

GÉRARD FOUREZ
Facultés Universitaires de Namur
Département «Sciences, Philosophies, Sociétés»